

O ARTILHEIRO.

*Alguns vão maldizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubicozo, e sitibundo;*

CAMÕES.

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C.— ANNO DE 1837.

LÁ VAI BOMBA.

Olá Senhores da Camara dos Deputados, deixem-se de tanta disputa e de tanto peço á palavra, decidão os negocios de huma vez: olheia que em quanto nessa casa se gastá o tempo em disputas, que de nada valém, o Rio Grande pode naufragar, e se assim accontecer depois cada pau fluctuando sobre as ondas segue o destino, que a força que o impelle, lhe quizer dar, e os pregos, que segurão os paus vão ao fundo segundo a ordem natural das coizas, donde he impossível tiral-os! Ou vem gente, e querem salvar o barquinho, ou não vem, e então elle perde-se: de qualquer modo, que seja decidão e desenganem-nos para saltarmos na lanxa, e salvar-nos em quanto he tempo, cazo queirão, que elle vá á praia. Se não são praticos da costa não se ponhão com palições; aqui levanta-se huma travessia em hum momento, e o resultado he hir a embarcação á praia.

Esta gente por aqui não está satisfeita com o piloto, que veio; elle será bom; põem por pouco caso, e talvez por birra, e por não ter querido ouvir os conselhos dos outros officiaes, tem posto o barco em confusão, e em risco de se perder: tem facilitado mandando largar o pau, que os seus antecessores, mais experientes do que elle, mandarão ferar, e quando se lhe diz, que tal não fica, senão que naufragio he certo, diz, que o quereu dominar! Além dis-

so elle não he piloto de viagem de *allo mar*, he *costeiro*, e daquelles que não sabem pegar no ostante para consultar os astros. Isto vai mal, e se dessa casa não vem remedio prompto e se senão apertar com o Almirante para que mande melhor piloto já, e já adeos barquinho chamado Rio Grande! As amarras nesta costa, e com o mar assim impolado pouco servem em rasão do fundo ser de arêa mui fina, e movediça.

Pezem bem estas reflexões, e abreviem o negocio o quanto antes para se salvar o barco com a tripulação, ou está sem elle. Se o Almirante não acha Piloto como o que mandou para o Pará, aqui temos hum, que serve de contra mestre, e a quem se deve o barco ir a nadar; seja nomeado Piloto, e o barco será salvo: aqui preziza-se de hum homem, que seja bom Piloto, e melhor marinheiro, esse está nas circumstancias; porque apesar de ser contra mestre, he optimo piloto, e grande marinheiro, pelo que goza de conceito perante nós. Vemha tambem mais alguma tripulação para ajudar a safar o barco, animar a que cá está, e dar-lhe alguma folga; porque isto tem chegado a tal exaspero pelo piloto actual ter largado tanto pau, que a tripulação receando hum tufão subito, que suçobrasse a embarção, e a perdesse; metteo ja os ferros em hum cabo, e o cortou pela raiz, o que foi hum grande mal, em que a tripulação exasperada não reflecte, e foi Deos servido não fa-

reis
boa
ceas

da
ra;
em
an-
ades
o se
mas
e,
del-
bra-
do
no
da-
nes
da
so

3

zer o mesmo a outros calos, e velas!

Lá vai bala, deixa pascar.

Por quanto alugaria o Correio as botas, em que todo lepidio passeia intimando de gente? Dizem, que por huma bagatela: esta he grande, alugar botas para intimidar de gente, e botas ja cheias de tombas! Ah, ah, ah, ha, faz rir hum bacalhau, ainda mais esta, era o que faltava para haver de tudo! Nem o Belchior no Rio de Janeiro tinha fazenda tam ordinaria para alugar como as botas, que em Porto Alegre alugou, o Correio! Cuidado, cuidando, que faria huma linda figura, e adquiria credito, apresentou-se como hum negro de cesto; porque as botas alem de serem do mais ordinario cabedal, são tam largas, que servem em todos os pés: tam conhecidas, que logo se vê não serem obra do sapateiro, q' se se inculca como tal, e tam mal feitas, e engendradas, que mais parecem ter sido talhadas para pé de burro do que de gente. Cuidava o correiozinbo, que por saber de botas, que metia huma lança em Africa, procurando assim como quem não quer a coisa, acariciar certa gente, para ver se pegavão, as bichas! Outro officio, a lamma com que empantanou as botas na gloriosa inda dura, e não ha graixa, que apague os signaes, e nodos dessas. Diz o papelinho correio, que não ha segurança individual; mas porque, pergunta o Artilheiro? Só porque hum soldado ebrio (e mesmo concedendo que seja malfeitor) deu meia dazia de pranchandas em hum homem, segue se que não ha segurança individual? He mau filozofa o correio em deduzir huma consequencia geral de hum simplez facto: diga o correio, que o acontecimento foi es andalozo, que foi mal feito, e que para evitar dessas e de outras devem os Senhores Commandantes prohibir rigorosamente, que os seus soldados andem armados nam estando em servigo, e que aquelle que foi encontrado ebrio, seja severamente punido, mas nam diga, que

nam ha segurança individual; porque, mente, e ha tanta, que até com aquelles, com quem a não devia haver, a ha de mais: não queira o correio metter a foadada nos Legalistas, chamando-lhe anarquistas, pois dizer que nam ha segurança individual, nenhuma outra coisa quer dizer senão, que ha anarquia: poder muito bem acontecer, que-lhe descozias as botas. Agora, que estamos de cima, e q' querendo, muito bem podiamos vingar-nos daquelles, q' nos perseguirão, q' nos derão bolos, q' nos roubarão, o não fazemos usando da maior moderação para com elles, e ha anarquia, segundo se collige do correio, que havia então no tempo da gloriosa, que se arrombavão portas a golpes de machado, que se davão bolos, vergalhadas, tiros, facadas a toda e qualquer hora, e que não havia segurança alguma individual? Quando o bizo correio havia ordem: então querem a coisa mais clara? O homem chore pelo tempo glorioso, mas todos lhe dizem: *senhor burro quem o não conhece, que o compre!*

A bateria N. 7 outraa ponto de S. João.

O clamor publico he geral acerca do mau arranjo desta bateria, e ha muito, que o Artilheiro devera fallar nisso; porém por contemplação o não fazia: agora que o Artilheiro está desenganado, que as contemplações nos têm perdido, e que conhece, que cada hum em sua consciencia deve dizer aquillo, de que talvez depende a segurança geral, se quiser fazer o papel de traidor, diz o seguinte a respeito desta bateria: Se o celebre Engenheiro Izidoro de Almeida visse admiraria certamente o bello plano, e risco desta bateria!

O Artilheiro breve rondará as baterias, e não só fallará do bom ou mau estado dellas, da actividade, e vigilancia dos commandantes, como do bom ou mau estado em que se achão as armas: faz este aviso para o caso de algum dos commandantes (o que se duvida) não for

activo, e vigilante, e não tiver as armas dos soldados de seu commando em bom estado, desde já mude de conduta a todos os respeito: porque o Artilheiro não terá contemplação com aquelles, e assim como fará a apologia daquelles commandantes, que forem dignos della, tambem censurará asperamente os que o merecerem.

Mais hum beneficio.

O flagello, que nos opprime, he mais do que huma guerra civil; elle não só abrange as pessoas, e bens dos Legalistas, como tambem desses furiosos sectarios do partido farrapo; seus bens, e fortunas são da mesma sorte, que as dos Legalistas alvo das rapinas desse exercendo partido, que procura triumphar, inda que seja com sua desgraça: não ha meio, de que não lancem mão; se necessitão de gente para engrossar suas fileiras, o terror, que incutem nos miseros habitantes da campanha, ja fusilando huns, ja incendiando as habitações de outros, lhes facilita meios para o conseguirem! E quem deixará de unir-se, tendo sua familia, bens, e fortuna entregues ao arbitrio desses monstros? Ninguem, sejam quaes forem os seus sentimentos. O Artilheiro conhece muitos, que hoje por necessidade se unirão ás fileiras dos rebeldes, e que n'outro tempo trabalharão fortemente a prol da Legalidade: mudarião acaso de pensar, de character, e de sentimentos? Não: a necessidade os força, as medidas de terror, de que lanção mão esses monstros, os obrigão a se unir: elles virão suas fazendas taladas, suas familias insultadas, suas habitações incendiadas, e finalmente, depois de tantos desgostos, e prejuizos, virão-se na dura, e cruel situação de novamente começarem a estabelecer, e reparar algum resto de suas fortunas para poderem viver, quando tudo se julgava seguro! Se esses tigres humanados necessitão de dinheiro, o mesmo expediente do terror lhes facilita meios para o conseguirem, contribuições, e empresti-

mos forçados são o uzual meio, de que se servem. Ha dias hum proprietario, morador no Rio do Sino, morreo de desgosto por ser victimã de huma contribuição; que esse Ladrão infame Netto exigio delle; mandou-lhe dizer que precisava de 5 contos de réis, e que lhos apresentasse em 3 dias, o proprietario mandou-lhe só 600\$ réis disendo, que não tinha mais: que lhe havia de acontecer? Ser cercada a sna casa por huma numerosa quadrilha, que lhe levou 20 Escravos para o acampamento do Netto! O proprietario se quiz haver os seus escravos, apromptou o resto do dinheiro para completar a somma pedida: este proprietario he José Ignacio Teixeira, que poucos dias sobreviveo a tamanhu roubo!

Consta, e corre por certo agora, que os farrapos contrahirão hum emprestimo forçado de 300\$ pezos, passando valles sobre o imaginado thesouro da Republica, e que não só erão obrigados a entrar com a sua quota arbitrada os habitantes da campanha, que seguem o partido Legal, mas tambem igualmente os sectarios do infernal partido farrapo!

Que dirá agora a isto o insigne parlamentar, e Diplomata de alto colturno José d'Araujo, quando souber, que os farrapos baldarão assim o seu projecto de entregar á Divina Providencia a companhia, de fortificar unicamente para defensiva a Capital, Rio Grande, e Norte, e de deixar os farrapos entregues a si mesmos, esperando, que dentre elles apareça o salvador?

He tanta a indignação do Artilheiro lembrando-se do tresloucado projecto de José d'Araujo, que, apesar de conhecer, que como tal necessariamente hade ser reputado pela maioria da Camara, não pode conter-se sem que quazi involuntariamente o trouxesse ad rem, não tanto para mostrar a sua futilidade, como para fazer ver, a que ponto de malvadez chega hum homem, quando alucinado pelo odio, e vingança, não duvida sacrificar huma immensidade de victimas, só para fazer mal a este, ou aquelle individuo, que elle reputa seu inimigo!

He ás malditas portarias, ou antes *pararias*, que o Artilheiro faz fogo hoje, não de bala, mas sim de metralha, para que chegue a todos aquelles, que as concedem e que as requerem, sem attender ao mal, que dellas nos resulta constantemente: nada se passa na Cidade, nenhuma medida se tome, nenhuma sortida se emprehende, de que o inimigo não seja sabedor no mesmo dia, frustrando-se por isso as vantagens, que podiamos alcançar sobre hum inimigo vigilante, e que trabalha com actividade, e energia. O Artilheiro não falla sem fundamento, e para prova da verdade, que afirma, de mil factos, que poderia apontar, só citaré hum, eillo: no dia 24 de Junho resolveu-se fazer huma sortida ao acampamento do inimigo para surprehendel-o de improviso; com effeito sahio a nossa gente na madrugada do dia 25, e que havia de acontecer? Encontrar ja o inimigo, que a esperava no caminho!

O inimigo tem vigilancia, actividade, e energia, e união, e o seu empenho em vencer não he outro, senão para nos massacrar, e roubar: nós, que seremos victimas infalíveis, somos tão indolentes, e trabalhamos contra vontade! Ninguém se persuada, que hade escapar se o inimigo vencer: quando no tempo do *glorioso* 20 a canalha desenfreada desatendia, e insultava os seus mesmos, sem que pudesse ser cohibida, que fará hoje, que exasperada só almeja vingança? He com vós, que falla o Artilheiro, ó Legalistas de meia cara, que vos empenhaes com as autoridades para concederem portarias aos vossos afilhados, que com o pretexto de hirem buscar mantimentos para a Cidade, levão correspondencias, e recursos aos nossos inimigos! He com vós, que falla, ó autoridades, q' sendo Legalistas, o deixais de ser, por concederdes portarias, que servem de capa, e pretexto para sermos vendidos aos nossos inimigos: acaso ignorais, que hum escravo se peita por quatro mil

rs, e que levando hum aviso, de cujo segredo depende huma victoria, tudo fica perdido? Cessem de huma vez essas portarias, cessem de huma vez essas communicações, que ha nos pontos, e não se permitta a pessoa alguma, inda da mais reconhecida probidade, a sahida para fora da cidade, d'outro modo seremos vendidos, e atraitoados constantemente.

O Artilheiro não quer personalisar pessoa alguma, e se não pozer cobro em conceder portarias, elle protesta declarar o nome daquelles, que jogando com pau de dois bicos se valem das portarias para mandar ao inimigo recursos, e correspondencias: os factos são notorios: todos os dias se encontrão em cañões, generos, e roupas, que alguns *meias caras* mandão ao inimigo, e não obstante sendo aprehendido, inda não consta, que fosse alguém processado, ou punido, nem os objectos aprehendidos confiscados. Que utilidade resulta ao publico de se conceder portarias para trazer mantimento para a Cidade? Acaso são esses os mantimentos, que fazem a abundancia, e não carestia? Ninguém o dirá: nos vemos esses contrabandistas locupletarem-se, e venderem huma vez, que comprão por oito mil réis, se tanto a tostão a libra; huma mão de milho por quatro patacas, tendo-lhes custado dois tostões, e o mais em proporção: isto he roubar o publico, isto he augmentar a carestia, em vez de a diminuir. Precisam-se de capim, de lenha, e de outros artigos: temos muitos launchões armados para comboiarem as canoas e embarcações, que se proponhão a nos fornecer tudo.

O Artilheiro cessa por agora de fallar mais neste objecto, por attender a outros, que atrahem a sua attenção, mas promete tornar a elle se senão pozer cobro, e não houver circospecção naquillo, que importa a nossa segurança commum.

Tercã feira 23 do corrente, sahirá á luz o VI Numero da Voz da Verdade.

P. Alegre: Imp. de Claudio Dubreuil e C.

ARTILHEIRO.

*Alguns vão maldizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubizoço, e sitibrundo;
CAMÕES.*

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C. — ANNO DE 1837.

PARABENS AO ARTILHEIRO.

Parabens ao Artilheiro! De que? Derrubaria acaso algum inimigo temível com os seus tiros? Seria promovido, terá augmento de soldo; conceder-lhe-hião a sua reforma, ou baixa, estará para se matrimoniar? Eis as conjecturas, que necessariamente devem formar aquelles a quem elle pede os parabens: inda não acertarão, não he por ter derrubado inimigos, nem por promoções, augmento de soldo, reforma ou baixa, menos por se querer ligar com o santo atilho do matrimonio, que o Artilheiro quer os parabens, he por uma acquisição d'amisade, que elle acaba de fazer. Oh! adquirir amigos no tempo d'agora, que não ha verdadeira amisade, e que todo o mundo vive desconfiado! Isso he fortuna dirá alguém! Sim senhor, não parece duvida alguma o caso, e por ser verdade, q' hoje o amigo vive desconfiado do seu amigo, e que não ha verdadeira amisade, por isso mesmo he que o Artilheiro exige os parabens.

O Amigo, que o Artilheiro acaba de adquirir, he hum amigo util para o tempo, e que o pode ajudar muito, e muito nos seus trabalhos. Promettão fazer huma saude ao Artilheiro se quizerem saber, quem he o tal amiguinho: muito bem ora oução. Achava-se o Artilheiro a-saz melancolico no seu quartel, e dan-do pasto á sua melancolia divagava com o pensamento lá por onde Judas perdeu

as botas; e quando mais abstracto se achava, tornou a si com huma pequena palmada, que no hombro lhe deo hum homem inda moço, e de aspecto rizonho; que sem ser persebido entrou no quartel, e disse ao Artilheiro: *Camarada segue-me; o que estás meditando não tem fundamento algum*. Ficou attonito o Artilheiro, e deseioso de saber, o que o homem lhe queria, o acompanhou, seguindo-o de perto: andarão hum bom trexo, e em hum lugar algum tanto êrmo pararão. O homem dando outra palmada no hombro do Artilheiro lhe disse: *Camarada socega, e não te atemorises quando souberes quem eu sou*. O Artilheiro torcenho o bigode lhe disse: *nao temo nada sou soldado, he quanto basta*. Então o sujeito continuou: *pois bem, eu sou Istarot, primo do Diabo Cõxo, e Diabo como elle!* Não se rião se o Artilheiro lhes disser, que as pernas lhe tremerão, e que sem querer, molhou as calças.... O Artilheiro sabe brigar com homens, mas com Diabos não! A primeira coiza que lhe lembrou fazer foi resar o Credo, segundo sua Avô lhe ensinou quando o Artilheiro era pequeno, e ja o hia a resar, quando o Diabo de novo lhe disse: *Socegate, eu não venho para te fazer mal, quero te fazer hum presente que te será mui util*. Estas palavras tranquillisarão hum pouco o Artilheiro, que fazendo, como lá dizem; das tripas coração lhe replicou: *onde está o presente?* Eillo, lhe disse o Diabo, e a este tempo puxou debaixo da